

Os agentes do deus elástico no Baixo Amazonas: apontamentos sobre materialidade e patrimônio do período da borracha

*Tiago Silva Alves Muniz*¹
Universidade Federal do Pará

Resumo: As relações entre propriedades elásticas de espécies lactescentes e pessoas junto às comunidades locais na Amazônia confluíram em amalgamado de saberes tradicionais. No Baixo Amazonas, seringueiros e seus remanescentes se apresentam como detentores de tais saberes associados à produção gomífera. Ao reconhecer estas agências e narrativas locais sobre o período da borracha, etnografias sensíveis ao emaranhado de relações, coisas e humanos se apresentam como desafio para a antropologia e para políticas patrimoniais em sua interface material/imaterial.

Palavras-chave: etnoconhecimento, saberes tradicionais, políticas patrimoniais, ecologia histórica, Amazônia.

¹ Pesquisador visitante no Departamento de Ciências Culturais, Linnaeus University. Doutorando em Antropologia (Arqueologia) pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

The agents of the elastic god in the Lower Amazonas: notes on materiality and heritage of the rubber period

Abstract: The relationships between elastic properties of lactescent species and people of the local communities in the Amazon region have merged with traditional knowledge. In the Lower Amazon, rubber tappers and their remnants present themselves as holders of such knowledge associated with rubber production. In recognizing these local agencies and narratives about the rubber period, ethnographies sensitive to the tangle of things and human relations present themselves as a challenge to anthropology and patrimonial policies in their material/immaterial interface.

Keywords: ethnoknowledge, traditional knowledge, patrimonial policies, historical ecology, Amazonia.

Los agentes del dios elástico en el Bajo Amazonas: notas sobre la materialidad y el patrimonio del período del caucho

Resumen: Las relaciones entre propiedades elásticas de especies lactantes y personas junto a las comunidades locales en la Amazonia confluyeron en amalgamado de saberes tradicionales. En el Bajo Amazonas, caucheros y sus remanentes se presentan como poseedores de tales saberes asociados a la producción gomífera. Al reconocer estas agencias y narrativas locales sobre el período del caucho, etnografías sensibles al enmarañado de relaciones cosas y humanos se presentan como desafío para antropología y políticas patrimoniales en su interfaz material / inmaterial.

Palabras clave: etnoconocer, saberes tradicionales, políticas patrimoniales, ecología histórica, Amazonia.

Introdução

Este artigo busca evidenciar agências de seringueiros a partir de suas narrativas e suas práticas de coleta e armazenamento de látex em comunidades no rio Tapajós (Santarém, Pará). Para tanto, materiais e saberes associados serão apresentados no propósito de dimensionar a amplitude do fenômeno da borracha na região do Baixo Amazonas. Desse modo, esta pesquisa inicia-se apresentando o contexto histórico da época com o intuito de, entre outras coisas, discutir acerca dos “agentes do deus elástico” na região. Em seguida, será discutida a agenda patrimonial referente ao seringalismo e à belle époque amazônica, bem como serão, por conseguinte, tecidas reflexões em torno dos desdobramentos das políticas patrimoniais no cenário político atual.

Assim, iniciando mais propriamente esta pesquisa, temos que o Baixo Amazonas é uma mesorregião do Pará localizada ao noroeste do estado. Santarém, fundada em 1697, já foi considerada como “o assentamento mais civilizado e importante desde o Peru até o Atlântico” (BATES, 1863). A ocupação europeia na região tem início através de missões religiosas e seu crescimento dá-se devido ao destaque como entreposto comercial. A ampliação do poder econômico da região é viabilizada desde o extrativismo ciclo das drogas do sertão, no século XVII, e do plantio do cacau, no século XVIII, tendo sido apenas durante o ciclo da borracha (1850-1920) o momento em que a região desempenha seu período de maior opulência.

No auge do capitalismo industrial do final do século XIX, surge a invenção da belle époque amazônica, a qual, de aspiração parisiense, como metáfora da civilização e do progresso, configura-se como um complexo processo de relações culturais, sociais e mentais, mas, também, materiais e políticas da cultura burguesa, incorporando linguagens, gostos, atitudes, estéticas e sociabilidades que abrigavam o proclamado triunfo do Progresso e da sua homologia, a Civilização (COELHO, 2011). Ainda que houvesse realidades distintas entre as elites locais na Amazônia, a ascensão destas foi possível devido ao produto de exportações em larga escala e à abertura de rios com fins de atender a uma nova tecnologia: o navio a vapor (DAOU, 2004). Entretanto, com a chegada do século XX inicia-se a decadência nas exportações devido à perda do monopólio, mais marcadamente devido ao ato de um inglês: Henry Wickham.

Henry Alexander Wickham efetuou a coleta de 70 mil sementes no povoado de Boim, situado na margem esquerda do Rio Tapajós (HOMMA et. al., 2010). Tal feito de Wickham é percebido hoje como biopirataria e este episódio tem sido considerado, sob percepções atuais do fato, como o de maior repercussão e sucesso da história da biopirataria mundial. O historiador Warren Dean (1987) argumentou que a empreitada de Wickham foi uma de várias operações mais ou menos ostensivas de intercâmbio de espécies vegetais entre países e continentes, desmistificando o caráter “heroico” ou “criminoso” do episódio (DRUMMOND, 1990). Posteriormente, outro interesse estrangeiro na região amazônica era o de

Ford, o qual enxergava, aqui, uma oportunidade de construir a partir do zero a sua visão de uma utopia agroindustrial, contudo, a instalação de uma metrópole na Amazônia, sonho de Ford, a Fordlândia, nunca se concretizou. Hoje, ambos os casos, de Wickham e Ford, são parábolas de uso e abuso da natureza em busca de poder (JACKSON, 2011).

A borracha, em seu auge de produção e exportação, chegou a ser conhecida como ouro negro. Teve seu primeiro ciclo econômico datado entre 1850 e 1920, período em que diversos agentes históricos, físicos, químicos, biológicos e sociais atuaram positiva e fortemente. Nesse sentido, vejamos, a seguir, as transformações que tiveram palco na região de Santarém a partir da atuação dos agentes do deus elástico, bem como o que contam as narrativas locais sobre o período da borracha e quais são os materiais e saberes associados.

Breve histórico ou os agentes do deus elástico

Em busca das medidas que dão forma ao mundo, a expedição de La Condamine (1751 apud REISZ, 2007) ao arco equatorial fez com que um material com inúmeras propriedades incomuns, que passou a ser de enorme importância na tecnologia de industrialização, fosse descoberto: a borracha (*Hevea sp.*). Segundo Reisz (2007), La Condamine ao descrever as propriedades da “resina elástica” destacou propriedades nunca vistas antes ao pontuar que este material, quando aglutinado em bolas, “saltam mais alto do que o ponto do qual eles foram soltos” e “contrariam as leis da física”. Assim, com tal propriedade, a substância desconhecida viria a ser altamente explorada e manufaturada, moldando o mundo moderno conforme o conhecemos hoje no que diz respeito a um advento, o dos pneus.

Charles Goodyear, em 1839, criou a técnica de adição de enxofre ao látex, o que chamou de “cura”, e Thomas Hancock, em 1842, patenteou como “vulcanização” (HILLS, 1971). Tal advento permitiu a manufatura de bens resistentes à tração e variação de temperaturas, sendo insolúveis em meios orgânicos. A *Hevea brasiliensis*, por ter como seu hábitat natural a Amazônia, fez com que a região se destacasse em sua comercialização, na década de 1850, momento em que a borracha firmou sua supremacia no comércio regional, de modo a, nas décadas seguintes, alcançar o protagonismo na economia mundial, com destaque para o seu monopólio até a década de 1880 (WEINSTEIN, 1993). Nesse contexto, a crescente exportação da borracha visou atender à produção de itens para assepsia de produção europeia e, posteriormente, às fábricas automobilísticas, com a invenção dos pneumáticos.

O feito de Wickham, em 1876, contribuiu para a perda do monopólio comercial e decadência da borracha. Wickham fora retratado como “ladrão no fim do mundo”, contudo, via seu roubo como um ato de patriotismo (JACKSON, 2011). No capítulo “Os Agentes do Deus Elástico”, Jackson menciona as moléstias acometidas a Wickham na Amazônia no ano de 1870, quando contraiu malária e sofreu com uma infestação de berne, para o que Wickham escreveu as notas “escuridão e decadência” em seu diário. Cabe ressaltar que a noção de “paraíso perdido”, como a representação mitológica de “El Dorado”, foi sendo substituída pela perda da *ilusão de um paraíso* com noção de “inferno verde” (MEGGERS, 1954; 1977). Segundo esta abordagem, as populações amazônicas pretéritas teriam sofrido uma espécie de degeneração cultural, sujeita a toda sorte de moléstia biológica e determinada por fatores geográficos, ermo à civilização. Nesse sentido, Jackson (2011) utiliza o termo “agentes do deus elástico” como aquelas barreiras

colocadas à empreitada de Wickham. Contudo, e se considerássemos o próprio Wickham como um agente do deus elástico ou o principal agente da borracha?

Além da ação de Wickham, na Amazônia, outros agentes se destacam. Em 1877, ocorre o início da migração de nordestinos para os seringais (DAOU, 2004: 71). Barbara Weinstein destaca que os anos finais da década de 1870 assinalaram o início do *boom* da borracha, sendo os índices de tal expansão indiscutíveis para os anos de 1878 a 1884, posteriormente estacionando ou diminuindo ligeiramente até 1900 (WEINSTEIN, 1993: 89). As 70 mil sementes coletadas por Wickham foram vendidas em Londres. Destas, apenas 2.800 geminaram e foram introduzidas no Ceilão (atual Sri Lanka) e outras colônias britânicas (SCHULTES, 1984: 9). Nesse sentido, com o desenvolvimento das mudas e o início da produtividade com o plantio extensivo há perda de espaço para o produto brasileiro e, já na virada para o século XX, o início da decadência.

No início do século XX, a exploração de novas áreas nos rios Tapajós e Xingu e sua alta produtividade fez com que o Pará atingisse o ponto mais alto de sua expansão, ao mesmo tempo em que perdia espaço para a produção gomífera de outras cidades amazônicas, ainda na década de 1900, apesar de, com tudo isso, ter-se mantido na liderança econômica. Por outro lado, manter-se na liderança econômica amazônica da borracha fez que a elite paraense preservasse o extrativismo e postergasse o desenvolvimento de setores econômicos alternativos (WEINSTEIN, 1993: 217-218). Nesse mesmo contexto, ao se chegar à década de 1910, a decadência está sendo decretada devido à boa qualidade, menor preço e aumento da produção da borracha asiática. E ah! Se árvores falassem, o que as seringueiras testemunhariam?

Taylor (2016) aponta o conceito de árvore-patrimônio, conforme aplicado em trilhas de caminhada no Jardim Botânico de Cingapura, em que são realizadas ações patrimoniais com as histórias relacionadas às respectivas plantas nos trajetos, com destaque para a seringueira ali introduzida (SHEE *et. al.*, 2014). Assim, outras percepções em torno das árvores, bem como seus usos não necessariamente com fins econômicos, podem ser abordadas durante caminhadas e trocas de experiências.

Mas, retomando o debate sobre o período da borracha e seus agentes, sem dúvida, o agente central aqui discutido é a própria seringueira, árvore testemunha das revoluções clínicas promovidas a partir dos adventos de luvas cirúrgicas e preservativos. De tal maneira, seguindo o debate sobre a construção de laboratórios de Latour (2000): é preciso que existam muitas “caixas-pretas” para que seja dada credibilidade aos discursos científicos, apresentando técnicas e fatos que deem forma aos saberes de tais caixas-pretas e, ao final do processo, não são mais necessários que os mecânicos para abri-la, apenas consumidores. Explorar o período da borracha neste contexto trata-se de ampliar as etnografias da modernidade que, através da inclusão de novos materiais com pretensão asséptica, moldam saberes através de aparato técnico e discursividade moderna, discursos os quais foram legitimados pelas seringueiras.

Ao refletir sobre os impactos ambientais das atividades humanas muitos pesquisadores utilizam o termo Antropoceno. Já Donna Haraway (2015) analisa o processo de fazer parentesco no antropoceno, ou do que a autora chama de “capitaloceno”, “plantationoceno”, ou de “cutuluceno” (em alusão a Cutulu, monstro apocalíptico lovecraftiano), trazendo a categoria parentesco como solução não-natalística para metáfora fúngica de ecojustiça multiespécie. Haraway propõe que se façam parentescos (ciborgues, multiespécie ou humanos) e não bebês! Porém, se hoje vivemos um antropoceno ou capitaloceno (GANE & HARAWAY, 2015),

foi devido ao advento da borracha. Portanto, estudar o patrimônio associado a este período é extremamente necessário para investigar uma arqueologia da modernidade. Com isso, a materialidade do período da borracha pode revelar, ainda, a partir de narrativas locais, emaranhado de relações e materiais que produziram tantos conflitos e riqueza na região.

Cabe ressaltar que outra agência não-humana que se destaca quanto ao período da borracha é o fungo. E, como dito acima, outra empreitada estrangeira na Amazônia com interesse na borracha foi a de Ford. Tal projeto era resultado do interesse estrangeiro no produto da região amazônica que fazia que se enxergasse aqui uma oportunidade de construir, a partir do zero, a sua visão de uma utopia agroindustrial. Todavia, a instalação de uma metrópole na Amazônia, sonho de Ford, a Fordlândia, nunca se concretizou justamente devido ao fungo. Conhecido popularmente como “mal-das-folhas”, o fungo que acomete todas as espécies de *Hevea* abalou a produtividade da borracha sul-americana, tanto na virada do século XIX-XX, como freou o sonho de uma metrópole estrangeira em Fordlândia. Estamos, assim, diante de mais um agente do deus elástico.

Ao refletir sobre a abordagem da agência ecológica, Eduardo Kohn (2013: 224) apresenta que tais emaranhamentos criados a partir do pensamento não-humano também criam relações entre os “eus”, desafiando a antropologia a avançar nesse cenário de alteridades e saberes. Quando estive imerso no habitat de seringueiras, durante acompanhamento de coletas de látex com seringueiros em comunidades do Baixo Tapajós (na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns e na Floresta Nacional do Tapajós), observei que “impurezas” caem nos copos coletores de látex (Figura 01). Tais eventos da dinâmica florestal evidenciam como a agência da floresta atua e como os seringueiros lidam com tais eventos e seus agentes. Assim sendo, a presença de “impurezas” no látex em perspectiva relacional também pode ser entendida como vestígio dos agentes do deus elástico, o que pode ter ocorrido de maneira passiva, à medida em que se dava a sangria das seringueiras segundo a dinâmica florestal inerente ao ecossistema, o qual se encarregava de acrescentar matéria orgânica aos recipientes coletores de látex.

A reflexão a partir do reconhecimento de agência de seringueiros e prisma relacional com o mundo de materiais aqui apresentada é que tais impurezas de matéria orgânica, adicionadas ao látex extraído, visam aumentar a produção/quilo. Com isso, ao seguir essa abordagem sobre a dita má qualidade do látex brasileiro frente ao crescente mercado asiático, no início do século XX, pode-se observar que os agentes do deus elástico estão engendrados, desde sua relação histórica, geográfica, biológica, ecológica e humana. Nota-se, ainda, que, hoje, um dos principais esforços atuais para uma sobrevida da comercialização da borracha natural da Amazônia é a conciliação entre saberes tradicionais e boas práticas, desde a coleta à indústria (Figura 02).



Figura 01: Látex solidificado “sernambi”. Acervo: LATEQ/IQ/UnB.



Figura 02: Processo de sangria, coleta e coamento sendo realizado por técnico em química e membros da comunidade de Boim, RESEX Tapajós-Arapiuns. Acervo: LATEQ/IQ/UnB.

O impacto da descoberta do látex de *Hevea brasiliensis* e o beneficiamento de seus derivados produziu discursos sobre a modernidade, os quais, num primeiro momento deram-se com a paramentação médica e, em seguida, com os automóveis e aviões. Mas, se ainda não fomos modernos ou mesmo humanos, conforme afirmam Latour (1994) e Haraway (2009), há um debate em curso. Trata-se de reconhecer a agência das seringueiras (árvores) e dos seringueiros (trabalhadores), nesse contexto, e romper o silêncio e noção inerte das coisas, ou compreender a ontologia das coisas e dos objetos (OLSEN, 2010). Assim sendo, tal abordagem simétrica na arqueologia advoga que ser-se humano é viver com/entre coisas (VALE, 2015). Nesse sentido, partindo de prisma relacional sobre fruir com o ambiente, é necessário contextualizar que as árvores de seringa nativas são encontradas em áreas sob a influência de imperativo ecológico (Figura 03).



Figura 03: 'Estrada de caucho' e difícil acesso às seringueiras nativas devido à intensa dinâmica florestal na área de pesquisa. Acervo: LATEQ/IQ/UnB.

A borracha e os saberes locais na Amazônia

Esta pesquisa teve início em meados de 2017, enquanto residia em Santarém e lecionava na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como professor substituto na graduação de arqueologia. Devido à minha formação e experiência em Arqueologia Histórica, fui contatado pelo professor Floriano Pastore Jr. (IQ-UnB) para auxiliar a entender o contexto em que garrafas de grés estavam sendo encontradas nas imediações de seringueiras nativas, próximo a uma comunidade de remanescentes de seringueiros no rio Tapajós (Figura 04). A partir daí, expandi leituras sobre o histórico de Santarém e tomei conhecimento sobre a escassa bibliografia de tal localidade, a vila de Boim. Para a minha surpresa, teria sido Boim o alvo das coletas de sementes de seringa que o inglês Henry Wickham realizou na década de 1870. Boim, então, de um pacato lugar onde hoje residem poucas pessoas, apresentou-se como uma interessante área de pesquisa, a qual teria sido palco do “maior ato de biopirataria do mundo”.

Situado objetivamente neste contexto, em agosto de 2017, direcionei-me ao campo, auxiliando as coletas de látex, medidas de pH e DAP², amostras de solo no entorno de seringueiras e levantamento de dados, a partir da história oral, realizado às duas margens do rio Tapajós, na Reserva Tapajós-Arapiuns e na Floresta Nacional do Tapajós. Cabe destacar que o grupo de pesquisa do Laboratório de Tecnologia Química (LATEQ-UnB) vem realizando coletas e ações voltadas para a sustentabilidade e a autonomia de tais comunidade há décadas. Desse modo, apresentando-se todo este cenário de pesquisa, este trabalho trata-se de um estudo ainda em andamento, sendo objeto de pesquisa de doutorado em Antropologia/Arqueologia, que busca investigar a cultura material associada ao período da borracha no Baixo Amazonas e os agentes envolvidos.

Sobre tais garrafas, Seu João, o seringueiro de Boim que encontrou as garrafas na área de mata, informou-me que após encontrar as garrafas de bebida, ao retornar para casa, ia levando as garrafas aos poucos para não quebrar, havendo uma espécie de tampa que as cobria, a qual deixara apoiada na árvore e, no dia seguinte, quando para ali regressou, não a encontrou mais. Segundo ele, foi uma “visagem” que a levou e que seria um castigo por ter retirado tais peças do solo. Conforme Eden Cohen (1985: 32) aponta, existem muitas lendas na vila de Boim. Cohen é uma ilustre personalidade, nascido e criado em Boim. Estudou até a quinta série primária (sexto ano) e, além dos dois livros publicados sobre a história de Boim, destaca-se como poeta interiorano e em seu trabalho para Boim e comunidades circunvizinhas. Em seus livros conta, como apaixonado pela região, suas histórias, lendas e também que há muito mais a ser escrito do que já foi pesquisado.



Figura 04: Garrafas de bebidas encontradas na Vila de Boim. Foto: Floriano Pastore Jr.

Retomando a discussão sobre as garrafas, quais seriam os possíveis usos de tais objetos? O fato é que pouco se sabe sobre a cadeia de produção da borracha durante o período da borracha. Seriam estas garrafas relacionadas a alguma forma de pagamento por serviços prestados e/ou faziam parte do aparato técnico para coleta e armazenamento de látex? Nesse sentido, na busca por estas ou outras possíveis perguntas/respostas, pretendo expandir a análise de materiais arqueológicos e pesquisa sobre métodos de conservação do látex e quais técnicas foram implementadas na Amazônia. Há relatos históricos sobre os odores fétidos exalados nas matas durante o período da borracha, ao se defumar a borracha, bem como a insalubridade envolvida e a mortandade associadas à qualidade de

² DAP: diâmetro a altura do peito.

vida em tais condições de trabalho. Destaco ainda que, durante a observação-participante realizada no Baixo Amazonas, pude constatar que, nas comunidades de Belterra, durante a manufatura do látex para artesanato, utiliza-se amônia para evitar a coagulação do leite, para o que ressalto que a amônia é volátil e deve ser estocada em vidraria, sendo utilizada desde meados do século XIX para o tratamento de látex, conforme destacado no trecho abaixo:

Pelo conjunto dos parâmetros de disponibilidade comercial, baixo custo, facilidade de operação em campo e na indústria, proteção do coloide evitando coalescência e colapso do látex e, finalmente, de protetor biológico, a **amônia** se transformou no protetor universal para LBN³ em condição que já se estende desde 1853. (BLACKLEY, 1997 apud PASTORE JR., 2017, grifo meu)

Conforme destacado por João Peres Jr. (em comunicação oral), doutor em química pela UnB, em comunidades que visitou no Acre, há relatos para uso de ovo podre entre os elementos adicionados na preparação de borracha em comunidades indígenas da região, o que, traduzindo em elementos químicos, seria a adição de enxofre à mistura, tal qual Goodyear descobriu em 1839. Os dados para as técnicas de produção de borracha na Amazônia são inexistentes. Talvez o relato de Henry Bates sobre o processo de coleta, modo de fazer e usos seja o relato de etnoconhecimento mais apurado na literatura específica.

Nesse sentido, Bates (1863: 144-5) destaca que o

processo é muito simples, todas as manhãs, cada pessoa, homem ou mulher, a quem é atribuído um certo número de árvores, passa uma jornada recolhendo em um grande recipiente a seiva leitosa que escorre dos cortes feitos na casca na noite anterior, que coletou em pequenas xícaras de barro ou em conchas de Ampullaria colocadas sob as feridas das árvores. A seiva, que a princípio é da consistência de creme, logo engrossa; os coletores recebem um grande número de moldes de madeira da forma em que a borracha é desejada e, quando voltam para o campo, mergulham-na no líquido, imergindo, durante vários dias, uma camada após a outra. Quando isso é feito, a substância é branca e dura; a cor e a consistência adequadas são dadas passando-se através de uma espessa fumaça negra obtida pela queima das nozes de certas palmeiras, após as quais o processo está pronto para a venda. A borracha é conhecida em toda a província apenas pelo nome de seringa, a palavra portuguesa para seringa; deve esta denominação à circunstância de que foi nesta forma que os primeiros colonizadores portugueses notaram que ela era empregada pelos aborígenes. Diz-se que os índios aprenderam a fabricar seringas de borracha vendo tubos naturais formados por ela quando a seiva de fluxo espontâneo se reunia em volta dos galhos projetados. Os brasileiros de todas as classes ainda o usam extensivamente na forma de seringas, pois as injeções formam uma grande característica no popular sistema de cura; a borracha para este fim é transformada em uma garrafa em forma de pera, e uma pena é fixada em seu pescoço longo. [tradução livre]

Não havendo demais relatos sobre os elementos adicionados durante a coleta ou no tratamento do látex. Mas nas comunidades do Baixo Amazonas, as comunidades possuem suas próprias “receitas” sobre quais ingredientes adicionam para tratamento da borracha e estes se diferem entre cada comunidade, aferindo saberes locais e modos de fazer dentro deste complexo de comunidades de seringueiros. Para fins de preservar o conhecimento tradicional da comunidade, as receitas não serão expostas aqui, somente, após nova etapa de campo com autorização para tal.

³ Sigla para látex de borracha natural.

Patrimônio do período da borracha

*No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras,
depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica.
Agora, percebo que estou lutando pela humanidade.*

Chico Mendes

A frase acima revela o complexo emaranhamento a partir dos saberes amazônicos e posicionamento político do seringueiro, sindicalista e ativista ambiental Chico Mendes. A atuação de Chico Mendes como porta-voz de trabalhadores e ambientalistas contribuiu para a criação do conceito de reserva extrativista, através da conservação do meio ambiente sendo realizada pelas populações tradicionais e indígenas. Superando a noção preservacionista de uma natureza intocável, Chico Mendes viveu por esta luta e por ela foi assassinado. Reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um dos 500 ambientalistas mais influentes do mundo, Chico Mendes recebeu vários prêmios e, em 2007, foi homenageado, dando nome ao ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – que atua na conservação e gestão ambiental federal, criando e fiscalizando unidades de conservação. Além disso, a Casa de Chico Mendes em Xapuri (Acre) foi inscrita no Livro do Tombo Histórico, tombamento realizado em 2011.

Além da história de Chico Mendes em torno de seu ativismo ambiental, museus e exposições sobre a borracha são encontrados em Rio Branco (Acre), como o Museu da Borracha; em Manaus (Amazonas), o Museu do Seringal Vila Paraíso; em Guajará-Mirim (Rondônia), o Memorial dos Seringueiros, situado no Museu Histórico Municipal, em que se contam histórias dos seringueiros por meio de materiais por eles deixados. O distrito de Fordlândia, localizado em Aveiro (PA), é mais um desses espaços, tal qual muitas outras localidades na Amazônia. Nas imediações de Fordlândia, os municípios de Belterra e Santarém abrigam moradores remanescentes de seringueiros que trabalharam para engenheiros americanos na construção de ‘Forlândia’ (como falam na região). Desse modo, há ainda um amplo coletivo de narrativas locais e memórias sobre o segundo ciclo da borracha, que narram desde aspectos sobre a dureza e o isolamento aos saberes associados à ecologia, coleta e armazenamento do ‘leite da seringa’, ou ‘lateque’. Alguns desses interlocutores, nas comunidades do Baixo Tapajós, ainda vivem da borracha, entretanto, não mais a partir da venda da matéria-prima, mas sim do produto por eles manufaturado, assim como do turismo (de base comunitária) histórico e ecológico associados à borracha (Figuras 05 e 06). Outros produtos como biojoias, bolsas e calçados também são fabricados nas comunidades da região. Contudo, há uma baixa comercialização desses produtos, dado o difícil acesso e escoamento de produção, carecendo de incentivos no sentido da autonomia econômica dessas comunidades.



Figura 05: Produtos artesanais criados a partir da folha do látex: porta-copos, cadernos e carteiras. Acervo: LATEQ/IQ/UnB.



Figura 06: Demonstração de uma das etapas da cadeia operatória e processo de secagem das “folhas de borracha natural” após tingimento. Acervo: LATEQ/IQ/UnB.

Conforme a crítica de Laurajane Smith (2006), o movimento patrimonial é voltado apenas para os monumentos e coisas tangíveis. De tal maneira, Laurajane advoga por uma análise crítica de discursos e afetividades. Rodney Harrison (2013), em sua abordagem crítica ao campo de estudo do patrimônio, propõe que a materialidade e discursividade sejam entendidas sob o prisma de ontologias co-

nectivas *no e para* o futuro. Dessa maneira, Harrison (2015) propõe que a polaridade cartesiana (natural x cultural) seja dissolvida para políticas ontológicas, para que uma série de modos de cuidar e valorizar assumam uma postura ética em relação ao futuro e aos seus patrimônios. De modo similar ao que Appadurai (2013) havia sugerido como ‘políticas de esperança’ para a base de uma antropologia do futuro.

Em tal processo de construção de patrimônios, Harrison (2018: 17) aponta que objetos, lugares e práticas do patrimônio são intervenientes, construindo presentes, compondo mundos e projetando futuros. Nesse sentido, o autor aponta para novas que iluminam as maneiras pelas quais as “coisas” e suas dimensões afetivas podem se tornar uma nova área de foco para estudos críticos de patrimônio, explorando conexões importantes entre patrimônio e outras questões contemporâneas de política, preocupação social ou ecológica.

A partir de tal abordagem interpretativa e de abordagem contextual cada vez mais minuciosa, a arqueologia pode compreender como as interações se deram no passado e como podem visibilizar pessoas, trajetórias, seus materiais e fluxos, assim como identidades para contribuir com a construção de uma disciplina cada vez mais analítica, semântica e menos arqueográfica, em que o impacto da etnografia das coisas e lugares possam dialogar com as compreensões que as comunidades no presente têm acerca de seu próprio passado, na mediação entre coisas / pessoas e objetos / pesquisador, para materialização de significados e dissolução de fronteiras da dicotomia natural x cultural. E vemos, aqui, na alquimia da borracha, a diluição desses saberes, agências e substâncias que dão liga aos reagentes elásticos.

João Pacheco de Oliveira Filho (1979) aponta que há dois modelos básicos de organização das atividades produtivas nos seringais: o seringal caboclo e o seringal do apogeu. Talvez possamos entender esse modelo de práticas caboclas de produção gomífera, conforme as práticas de coleta narradas por Henry Bates (1863) e paisagens persistentes. João Peres Jr. (2019) identificou o plantio caboclo de seringueiras às margens do Tapajós, em que, no presente, comunidades remanescentes de seringueiros manifestam práticas e saberes associados à borracha, segundo um sistema caboclo; enquanto que as práticas do seringal do apogeu são associadas aos modelos de barracão, amplamente empregados na exploração de borracha cultivada, mais comum em meados do século XX. Dessa forma, neste artigo busquei apresentar os agentes envolvidos com a materialidade do período da borracha, os remanescentes de seringueiros que vivem nas localidades pesquisadas, os materiais associados e possíveis desdobramentos para políticas patrimoniais para a borracha frente o contexto político atual.

Assim, ao apresentar os saberes e materiais envolvidos neste contexto, cabe resgatar, a partir de Shanks & Tilley (1988), que a arqueologia é uma ação sociopolítica no presente, bem como nos lembra McGuire (2008), que todo conhecimento é político, e que toda forma de construir discursos sobre o passado também é política. Por fim, Castañeda (2008) pontua que o observador, a pesquisa e o campo se entrelaçam e a visão de arqueologia como ação política desafia os mecanismos de opressão e produção de desigualdades para emancipação. Desse modo, refletir a partir dos objetos e das coisas para pensar as transformações sociais e econômicas pode reverberar numa práxis relacional de correspondência, coerência e contexto voltados para as consequências que ainda impactam o ‘bem viver’ no Baixo Amazonas e, ainda, quais políticas para futuros patrimônios podem ser estimuladas a partir de tal debate.

Considerações finais

Cada vez mais modos de fazer e saberes locais têm sido reverenciados como práticas culturais indissociáveis entre o patrimônio cultural material e o imaterial em ações de tombamento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tal qual o debate acerca do registro do “Complexo Cultural do Boi Bumbá do Médio Amazonas e Parintins” como patrimônio cultural imaterial brasileiro, inscrito no livro de registro de celebrações em região adjacente à área de pesquisa aqui apresentada (para relações entre Parintins e Santarém vide MUNIZ, 2019). Cabe ressaltar que a diluição entre o entendimento de imaterial e material configura o emaranhamento entre pessoas (humanas e não-humanas) e as coisas. Nesse sentido, este artigo visa enumerar e apresentar como atuaram alguns agentes da borracha e o contexto atual de algumas comunidades no Baixo Amazonas em que vivem os remanescentes do período da borracha na região. Assim, a partir de observação participante, durante coleta de látex junto a tais interlocutores, foram registradas narrativas locais sobre o período da borracha e alguns saberes locais associados.

Nesse contexto de reflexões discutidas, pensar na fluidez de materiais, coisas, e pessoas para pensar nos saberes e modos de fazer ao propor etnografias sensíveis ao emaranhamento é um dos desafios atuais da antropologia, desafio, inclusive, para que as comunidades locais e povos tradicionais possam manter suas identidades e, à medida em que atuam também para a conservação do meio ambiente. E com estas discussões, reitera-se que este artigo trata de um projeto em andamento que visa dar visibilidade às agências de seringueiros, historicamente denegadas, e promover mais pesquisas sobre a região, para que as comunidades ali existentes tenham suas vozes multiplicadas. As imagens de coletas realizadas no cotidiano visam ilustrar os agentes encontrados pelos seringueiros no entorno de árvores nativas frente à expansão da borracha de cultivo.

Para não concluir, é necessário destacar que este artigo trata de uma tese de doutorado em andamento, cujos eixos contexto histórico, materialidade do período da borracha, saberes amazônicos e políticas patrimoniais ainda serão mais explorados, estando previsto retorno ao campo nos próximos meses. Dessa forma, as relações de emaranhamento entre as árvores de seringa, seringueiros e suas coisas serão ainda mais especificamente abordadas, de forma a abranger tais modos de vida e identidades na região do Baixo Amazonas.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001, segundo a portaria 206, de 4 de setembro de 2018. Ao meu orientador Diogo Costa pelas conversas sobre a pesquisa que colaboraram para o artigo. Aos membros do GT 53: Políticas Patrimoniais, Conservadorismo Político e os Novos Desafios da Antropologia da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia: Direitos Humanos e Antropologia em Ação, pelo amplo debate e trocas que foram conduzidas. A toda equipe do Laboratório de Química da Universidade de Brasília. À todas as comunidades amazônicas que ainda hoje resistem através da produção de borracha.

Recebido em 23 de abril de 2019.
Aprovado em 22 de fevereiro de 2020.

Referências

- APPADURAI, Arjun. *The Future as a Cultural Fact*. London: Verso, 2013.
- BATES, Henry Walter. *The Naturalist on the River Amazons*. Vol. 1. London: John Murray, Albemarle Street, 1863.
- BLACKLEY, D. C. *Polymer Latices. Volume 2: Types of Latices*. 2. ed. London: Chapman & Hall, 1997.
- CASTAÑEDA, Q. “The ‘Ethnographic Turn’ in Archaeology”. In: *Ethnographic Archaeologies*. Londres: Altamira Press/Rowman & Littlefield Publishers, 2008.
- COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. *Escritos: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*, 5 (5), 2011.
- COHEN, Elisio Eden. *Vila de Boim (1690-1986) sua história, seu povo*. Santa-rém: Ed. Tiagão, 1985.
- DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Zahar. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- DEAN, W. *Brazil and the struggle for rubber; a study in environmental history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- DRUMMOND, José Augusto. Resenha: Brazil and the struggle for rubber. *Cad. Dif. Tecnol.*, 7: 179-183, 1990.
- GANE, N.; HARAWAY, D. Se nós nunca fomos humanos, o que fazer? *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP* (on line), 6, 2010.
- HARAWAY, Donna Jeanne. *Des singes, des cyborgs et des femmes: la réinvention de la nature*. Paris: Jacqueline Chambon, 2009.
- _____. Anthropocene, capitalocene, plantationocene, chthulucene: Making kin. *Environmental humanities*, 6 (1), 159-165, 2015.
- HILLS, Dennis Ashley. *Heat transfer and vulcanisation of rubber*. N. York: Elsevier Publishing Company, 1971.
- HARRISON, Rodney. *Heritage: Critical Approaches*. Abingdon and New York: Routledge, 2013.
- _____. Beyond “natural” and “cultural” heritage: toward an ontological politics of heritage in the age of Anthropocene. *Heritage & Society*, 8 (1): 24-42, 2015.
- _____. On Heritage Ontologies: Rethinking the Material Worlds of Heritage. *Anthropological Quarterly*, 91 (4): 1365-1383, 2018.
- HOMMA, A. K.O.; COSTA, N. A. da; GARCIA, A. R.; SANTOS, J. C. dos. Linha do tempo do Baixo Amazonas Paraense:(Re) territorialização de um espaço de várzeas. *Embrapa Amazônia Oriental-Documentos (INFOTECA-E)*, 2010.

JACKSON, Joe. *O ladrão no fim do mundo: como um inglês roubou 70 mil toneladas de seringueira e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha*. São Paulo: Objetiva, 2011.

KOHN, E., *How forests think: Toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: Univ. of California Press, 2013.

LATOURETTE, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1994.

_____. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Bauru: Unesp, 2000.

McGUIRE, R.H. *Archaeology as Political Action*. Berkeley: University of California Press, 2008.

MEGGERS, Betty Jane. Environmental Limitation on the Development of Culture. *American Anthropologist*, 56: 801-824, 1954.

_____. *A Ilusão de um paraíso*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MUNIZ, T. S. A. Materiais e fluxos na Amazônia Colonial: evidências da presença de africanos escravizados no Sítio Aldeia (Santarém, Pará). *Revista de Arqueologia*, 32 (2): 16-35, 2019.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. “O caboclo e o brabo: notas sobre duas modalidades de força de trabalho na expansão da fronteira amazônica do século XIX”. In: SILVEIRA, E. (org.). *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. pp. 101-140.

OLSEN, B. *In defense of things: archaeology and the ontology of objects*. New York: Rowman Altamira, 2010.

PASTORE JR, F. *Tratamento do látex de borracha natural com tanino vegetal*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2017.

PERES JR., João Bosco Rodrigues. *Estudo das características do látex e da borracha de Hevea brasiliensis cultivadas e nativas da Amazônia*. Tese de Doutorado. Instituto de Química, Universidade de Brasília, 2019.

REISZ, Emma. Curiosity and rubber in the French Atlantic. *Atlantic Studies*, 4 (1): 5-26. 175, 2007.

SHANKS, M.; TILLEY, C. *Social Theory and Archaeology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1988.

SCHULTES, Richard Evans. The tree that changed the world in one century [Hevea, history, rubber plantations and industry]. *Arnoldia*, 44 (2): 2-16, 1984.

SHEE, Z. Q.; ANG, X. Q.; WIJEDASA, L.; TAYLOR, N. *Tall Tales. Singapore Botanic Gardens Heritage Trees Trail Guide*. Singapore: National Parks Board, 2014.

SMITH, LauraJane. *Uses of Heritage*. Abingdon: Routledge, 2006.

TAYLOR, N. P. Living collections at the Singapore Botanic Gardens: historic and modern relevance. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 9 (5): 120-134, 2016.

VALE, Ana. A Arqueologia e as Coisas. A disciplina e as correntes pós-humanistas. *Almadam* (on line), 20 (1), 2015.

WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.